

FLORA TRISTAN E OS RETRATOS DAS MULHERES LATINO AMERICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Autora: Maria Inês Amarante¹

Resumo:

Este trabalho traz os retratos de mulheres feitos pela escritora franco-peruana Flora Tristan durante a viagem que empreende à América Latina, entre abril de 1833 a julho de 1834, descritas em sua obra autobiográfica “Peregrinações de uma pária”. Procura-se privilegiar os relatos histórico-subjetivos da autora - típicos dos diários mantidos pelas mulheres da época, - e centrados, particularmente, em sua visão crítica sobre a exclusão social e a condição da mulher na sociedade peruana. Pela primeira vez, Flora expõe uma tipologia feminina que traz, sobretudo, a marca da submissão a que estavam sujeitas as mulheres que observa, outras “párias”, como se autodenomina, pertencentes às diversas classes sociais com as quais conviveu ou das quais se aproximou nas cidades de Lima e Arequipa. Este contato com uma sociedade ainda escravocrata e colonial levou-a, a partir de seu retorno à França, à defesa da causa feminina e a uma inegável contribuição no âmbito do que hoje é denominado “estudos feministas históricos”. O trabalho se sustenta em pesquisas bibliográficas e documentais, bem como na análise dos textos citados.

PALAVRAS-CHAVE

Flora Tristan; mulheres; América Latina; literatura de viagem; século XIX

¹ A autora é Professora Adjunta da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana; Doutora em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP; Especialista e Mestre em Comunicação Social e Licenciada em Letras pela Université Libre de Bruxelles. E-mail : ines.amarante@unila.edu.br

I. Introdução

A vida de Flora Tristan dificilmente se separa de sua produção literária, pois como aponta Desanti (1973, p. 15), sua vida constitui a matéria prima mesmo do pensamento e da obra.

A história pessoal da escritora, reflexo da condição feminina da época, é marcada por acontecimentos inusitados e que a levam ao sentimento de exclusão. É através de sua obra “Peregrinações de uma pária” que ela revela parte de sua biografia. Nascida em Paris no dia 7 de Abril de 1803, era filha ilegítima nascida de um casamento não reconhecido entre um militar da aristocracia espanhola, oriundo do Peru e uma mãe burguesa refugiada na Espanha após a Revolução Francesa. Os primeiros anos de sua vida foram confortáveis, mas a morte do pai a leva ao infortúnio, obrigando-a a viver com a mãe em um dos bairros mais pobres da cidade. Ainda adolescente, começa a trabalhar e, aos dezoito anos, casa-se com o patrão, André Chazal. Junto do marido vivencia inúmeros conflitos, cujo desfecho, quatro anos depois, é a separação antes do nascimento de seu terceiro filho². O fracasso total de seu casamento e a perseguição constante do marido pela guarda das crianças a levam a buscar novos horizontes.

Na França, como lembra Jean-Paul Aron (1984, p. 7), sob o Antigo Regime e na aristocracia, a mulher "goza de privilégios compensatórios" face aos constrangimentos como um casamento forçado, a passividade e o internamento em conventos. A Revolução traz "a ideologia dos escriturários, dos funcionários e dos negociantes" e "a mulher é vítima de um programa de constrangimentos e vilanias", como no caso de Flora Tristan.

Inúmeras razões levaram Flora a deixar a França natal e viajar para a América Latina, onde se encontrava parte da família paterna. Muitos afirmam que ela partiu em busca de fortuna, outros que ela buscava a figura do pai que lhe traria a legitimação social. O fato é que, cansada de fugir, ela confia sua filha, Aline Chazal, a uma preceptora e segue em busca de outro destino, a bordo de um navio, cuja travessia vai durar quase três meses.

Se ao partir ela se autodenomina “pária”³, ao voltar, com um diário de bordo em mãos, ela já era escritora. Redigir diários, como lembra Perrot (2008, p. 29-30) “era um exercício recomendado principalmente pela igreja, que o considerava um instrumento de

² O divórcio introduzido pela Revolução Francesa em 1792, foi limitado pelo Império em 1803 até ser abolido, em 1816. O direito das mães era pouco considerado perante a autoridade paterna.

³ Segundo Eleni Varikas (1988, p. 4), « o processo de formação de uma consciência feminista não pode ser apreendido sem levar-se em conta os termos que as mulheres utilizavam para exprimir sua opressão enquanto grupo social ». O termo « pária » designava qualquer pessoa desprezada e afastada do grupo e,

para a autora, apesar de associado a uma situação de opressão, ele "comporta igualmente a idéia de uma percepção subjetiva e cultural que a sociedade mantém em relação aos excluídos." Este termo será utilizado pelos românticos para designar o povo, os prisioneiros, os condenados, as mulheres e, mais tarde, os proletários.

direção de consciência e de controle pessoal”. Graças a eles se ouve o “eu”, a “voz das mulheres”. O diário de Flora está pleno de revelações sobre a condição feminina dos lugares por onde passou. De La Praya, na costa africana, ao Peru recém-liberto da tutela espanhola, nada escapa a seu olhar sobre a vida social e política. Com um singular poder de observação, ela capta o cotidiano das mulheres, dos escravos e senhores. Observa também a complexidade das intrigas políticas e conspirações que sempre levam a guerras civis. A submissão do povo pela Igreja, através da incorporação de superstições aos ritos religiosos também não passará despercebida.

O Peru vivia sua independência do jugo espanhol há dez anos quando Flora desembarcou, mas ainda conservava uma estrutura feudal. A instabilidade política dominava, as lutas intestinas pelo poder eram moeda corrente. As intrigas, revoltas militares, dissoluções de convenções constitucionais em proveito de certas classes, faziam parte do cotidiano dos peruanos.

Como lembra Cucho (1985, p. 102), a sociedade peruana era baseada num sistema de grandes plantações dirigidas pelos crioulos⁴. Nisso eles se opunham a outro grupo étnico, os negros, trazidos como escravos para trabalhar nestas plantações, bem como a outros negros alforriados que, em sua maioria, eram mulatos. Os índios, verdadeiros camponeses do Peru, eram ainda pouco numerosos na zona costeira, mas bem representados em Arequipa, reduto dos Tristans, onde constituíam metade da população estimada entre 30 a 40.000 habitantes (TRISTAN, 1979). A classe crioula era extremamente hierarquizada, a elite sendo constituída pelos descendentes diretos dos conquistadores espanhóis. É desta elite, da qual os membros da sua família eram representantes, que Flora Tristan se aproximou mais.

No Peru, talvez a viajante ignorasse que a ideologia patriarcal, importada de uma Europa em plena transição do regime monárquico ao do capitalismo mercantil, tivesse se solidificado na mentalidade latino-americana durante três séculos de dominação colonial. A independência das colônias em nada tinha melhorado a condição da mulher.

Contudo, o processo histórico dessa opressão era bem diferente do que havia sido na Europa, porque dependia das variações étnicas da população. Negras, índias, brancas ou mestiças, as mulheres latino-americanas sofriam de outra maneira o jugo de uma sociedade dominada pelos homens.

Como esteve mais próxima da elite branca, Flora Tristan não pode observar as nuances próprias ao condicionamento social que outros grupos estavam sujeitos, exceção

feita para as mulheres negras, cuja escravidão constituía uma realidade flagrante.

⁴ Brancos de origem européia.

Devido ao papel que tinham de consolidação do regime colonialista espanhol, as mulheres brancas eram mantidas na ignorância e afastadas de qualquer atividade produtiva e política. Não lhes restava outra escapatória além do "casamento ou do claustro", o que fazia da maior parte delas vítimas das convenções sociais.

Os retratos das mulheres que encontrará durante sua permanência naquele país nos dão a conhecer os tipos de opressão aos quais eram expostas.

II. Deslocamentos do olhar: as mulheres de Flora

As mulheres chilenas

Desde seu desembarque em território latino-americano, a viajante observa e escreve sobre as mulheres. Inicialmente, fala das chilenas, que considera "excelentes domésticas, laboriosas e sedentárias" (TRISTAN, 1979, p. 86), qualidades que, para ela, suscitam a admiração dos europeus que as desposam. Aos olhos da escritora, no entanto, elas parecem possuir "maneiras rudes e altivas" e serem pessoas apagadas e desprovidas de um bom gosto ao trajar. Certamente, esta era uma maneira indireta que encontrara de depreciar a domesticidade, considerada primordial na sociedade patriarcal tradicional, além da beleza, maternidade e fidelidade.

Dona Carmen Pierola de Florez

Ao chegar à casa do tio, no dia 13 de setembro de 1833, recebe uma sentença de exclusão. Embora a reconheça como membro da família, Dom Pio lhe confere o estatuto de sobrinha "natural", recusando-lhe o direito à herança deixada pela avó, que acabara de falecer.

Supõe-se que, ainda bem marcada pela revolta devido à condição de excluída que se encontrava, e sentindo-se vítima de um casamento indissolúvel, que não revela a ninguém, Flora se sensibiliza pelos dramas de outras mulheres que viviam a mesma situação e começa a observá-las no seio da própria família. Conhece a prima, dona Carmen Pierola de Florez, através de uma de suas cartas e comenta que estava diante de "uma mulher de espírito, mas prudente e muito política" (TRISTAN, 1979, p. 123).

Contudo, durante as intermináveis conversações que as duas terão em Arequipa, compreenderá melhor as razões de tal comportamento. De fato, Carmen tinha o rosto deformado pela varíola, ficara órfã em tenra idade e fora criada por uma tia que não lhe

dispensava a mínima ternura. Tentou escapar desse destino pelo casamento, mas encontrou um marido bem mais atraído por seu dote. Com este homem bonito e libertino conheceu

os piores anos da sua vida. Embora ultrajada pelas humilhações de toda espécie, a família obrigou-a a suportar tudo com resignação, até a viuvez. Pobre e endividada, com um filho nos braços, dona Carmen voltou a depender da tia. Flora observará que "desprovida de algum sentimento religioso", que teria podido atenuar as suas penas, "ela escondia sua miséria real sob o manto da opulência" (TRISTAN, 1979, p. 134). A prima vegetava sem conseguir preencher o vazio de sua existência, reprimindo uma revolta flagrante. Possuía escravos ao seu serviço e assim podia levar uma vida sedentária. Ocupava-se de futilidades e passava o tempo a fumar e participar de conversas frívolas com pessoas que admiravam sua inteligência. Mas nunca perdia a ocasião de vingar-se dos que a tinham reduzido a este estado, através da ironia de suas atitudes e palavras. Condenada a viver, perpetuamente, neste "execrável país", como qualificava o Peru, ela confessará à prima estrangeira: "todo ser privado de fortuna depende de outro, é escravo, e deve viver onde o seu mestre o prende" (TRISTAN, 1979, p. 138).

Quando Flora lhe dizia que a vontade constitui a única maneira de procurar outro destino, ela respondia:

(...) você acredita que basta ter uma firme vontade para ser livre; e é você, fraca mulher, escrava das leis, dos preconceitos, sujeita à mil enfermidades, de uma fraqueza física que a torna incapaz de lutar contra o mais ínfimo obstáculo, é você que ousa proferir um semelhante paradoxo!... você não se submeteu ao jugo humilhante de um marido rígido, tirânico, obrigada a dobrar-se diante de suas caprichosas vontades, a suportar suas injustiças, seus desdêns, seus insultos; você que também não foi dominada por uma família altiva, potente, nem exposta à negra malvadeza dos homens (TRISTAN, 1979, p. 139-0).

O que dona Carmen não sabia era que a prima sofria os mesmos preconceitos e angústias. Sem compreender o efeito de suas palavras, acrescentava: "Para ter uma justa idéia do abismo de dor no qual a mulher é condenada a viver, é necessário ser ou ter sido casada. Oh! Florita! o casamento é o único inferno que reconheço" (TRISTAN, 1979, p. 141).

Estas reflexões de Carmen revelaram a Flora a grande submissão feminina: "As mulheres daqui, eu pensava, são então, pelo casamento, tão infelizes como na França; encontram a mesma opressão nesta relação, e a inteligência da qual Deus as dotou permanece inerte e estéril" (TRISTAN, 1979, p. 141).

Joaquina de Florez

Logo que conheceu dona Joaquina de Florez, esposa de dom Pio, percebeu uma

amargura em seu rosto cheio de brilho. Com efeito, devido à herança, esta mulher havia sido obrigada pela família a casar-se, aos quinze anos, com aquele que também era o seu

tio. Flora vê nela um ser de grande talento que comparará ao da Madame de Maintenon. No seu entender, era alguém feito para ser "regente de um reino ou senhora de um rei septuagenário" (TRISTAN, 1979, p. 180), e teria podido, por suas capacidades, aparecer como um dos personagens mais notáveis da época. Mas era fechada nos quatro muros de sua casa que dona Joaquina exercia seus talentos, conservando em si uma ambição e um egoísmo desmesurados que tentava esconder pela prática da filantropia. Para Flora, este era "um meio para asfixiar seus remorsos" (TRISTAN, 1979, p. 182). Oferecia aos pobres apenas suaves palavras, que não aliviavam em nada a miséria em que viviam, como sua imensa fortuna o teria permitido.

A monja Dominga e os conventos de Arequipa

Se a vida monástica no Peru oferecia, em certas circunstâncias, um espaço de liberdade e independência às mulheres que renunciavam ao casamento, ela podia igualmente simbolizar uma condenação perpétua, como Flora observará. Tudo dependia da forma como a vida no convento era dirigida. Durante a guerra civil em Arequipa ela conheceu dois deles, ambos da ordem das carmelitas, em sua essência bem diferentes: o de Santa Catalina e o de Santa Rosa.

No convento de Santa Rosa, descobrirá a triste história da "monja" Dominga, membro de sua família, que vivera mais de oito anos nas catacumbas onde as freiras faziam votos de silêncio e pobreza e se dedicavam apenas à oração perpétua. Dominga, jovem e bonita, após uma decepção amorosa havia optado pela vida religiosa por necessidade de um refúgio. Não podendo suportar os olhares de desprezo da sociedade, diante do abandono do futuro cônjuge, viu-se sufocada sob os hábitos que as superiores a obrigavam a vestir. Assim viveu durante longos anos na esperança de, um dia, reencontrar a liberdade fugindo do convento, como explica Flora (1838, P. 186): "Consegue, por fim sua liberdade, mas a que preço! A sociedade a rejeita como se estivesse "possuída pelo demônio", levando-a a um novo isolamento e reclusão. Flora vai visitá-la às escondidas e vê que ninguém ousava fazê-lo "tamanho o preconceito da superstição conservara sua potência sobre este povo ignorante e crédulo" (TRISTAN, 1979, p. 297). Sempre considerada a "monja" de Santa Rosa, Dominga desejava uma nova fuga, desta vez para terras longínquas, com a ajuda de um pretendente.

Já o convento de Santa Catalina oferece à autora um espaço aberto de reflexão. As religiosas ali viviam felizes, tinham momentos de lazer e ocupavam-se de uma escola para

o ensino das moças pobres. Em sua maioria, provinham de camadas sociais mais elevadas, possuindo cada uma quatro ou cinco escravos ao seu serviço. Mesmo nos conventos, a

autora percebe esta "aristocracia das riquezas", tão comum na sociedade peruana. No entanto, as jovens freiras eram infantilizadas pelos próprios pais que as haviam internado em tenra idade e que as visitavam regularmente.

Pencha de Gamarra

A história do Peru é igualmente atrelada à vida de Pencha de Gamarra, e num país onde poucas mulheres marcaram presença nas lutas sociais, o destino da presidente pareceu excepcional aos olhos da escritora.

Desde 1829, o Presidente da República, Sr. Gamarra, governava sob as ordens da mulher, a Senhora Pencha Gamarra. Ela exercia o poder sem restrições, fazendo inclusive pressão sobre o Congresso para a aprovação de seus projetos, sempre com o apoio do seu fiel auxiliar, o Sr. Escudero. O governo Gamarra foi marcado por agitações diversas e revoltas militares, até o final do ano 1833, quando teve que aceitar as novas eleições presidenciais e uma Convenção que votaria uma alteração constitucional.

Flora descreve Dona Pencha como uma mulher fora do comum, forte e carismática. Dotada para o comando, era capaz de dominar apenas pelo olhar. O tom da sua voz era também imperativo e seu caráter altivo, audacioso e discreto. Impedida, por sua condição de mulher, de exercer o poder, tinha-se casado com um homem que podia servir de fachada às suas ambições e que a nomeara presidente. Pela maneira elogiosa como autora se refere ao governo da Senhora Gamarra, parece reconhecer uma certa superioridade das mulheres em relação aos homens, como fará frequentemente em outras descrições:

Esta mulher, (...) soube tão bem governar este povo até então ingovernável, até mesmo para Bolívar, que em menos de um ano a ordem e a calma reapareceram; as facções foram apaziguadas; o comércio floresceu; o exército tinha retomado confiança nos seus chefes; e, se a tranquilidade não reinava ainda em todo o Peru, pelo menos uma grande parte dele assim vivia (1979, p.372).

Mas Pencha, vítima de ambições pessoais desmedidas, pagará com o exílio e a humilhação o preço de sua glória. Sentir-se-á vítima da injustiça de seu povo (TRISTAN, 1979, p. 362): “(...) é por não ter podido submeter meu indomável orgulho à força brutal que você me vê prisioneira aqui; caçada, exilada por aqueles mesmos que durante três anos, viveram sob meu comando...”, dirá à Flora.

A escritora compreende que a vida de Pencha se resumia a um combate pelo poder absoluto, uma luta para fazer-se respeitar num meio exclusivamente masculino. Vítima de calúnias injuriosas por parte de seus soldados, ela havia endurecido (TRISTAN, 1979, p.

372): “a ambição ocupava um lugar imenso no coração de Dona Pencha para que o amor ali imperasse (...)”. Tornou-se assim cada vez mais cruel com seus subordinados,

infligindo-lhes punições horríveis. Para Flora (1979, p. 374): “seu despotismo fora tão exacerbado, o seu jugo tão pesado, ela ferira tanto amor próprio que uma oposição imponente elevou-se contra ela”.

O estado lamentável no qual esta mulher parte para o exílio, epilética e derrotada, desperta a piedade de Flora. Por trás do poder que conhecera, ela havia tido uma existência miserável que a viajante não invejava. Impressiona-a a vulnerabilidade de Pencha e reconsidera suas próprias idéias sobre a ambição e o poder.

As ravanans

A população indígena, numerosa em Arequipa, suscita na viajante uma visão completamente romântica e repleta da idealização do "homem natural" dos iluministas. Ela se refere ao povo indígena com muito respeito, descrevendo-o como seres humildes e silenciosos, suaves, sensíveis e extremamente respeitosos da natureza e da fauna. Impressiona-se com as *ravanans*, índias desagregadas que acompanhavam os soldados, pela liberdade que tinham, apesar da existência miserável. Descreve-as como mulheres "de uma feiúra horrível", vestidas com trapos, a tez queimada pelo sol, porém relewa suas qualidades, a coragem e a força para suportar voluntariamente uma vida nômade: "As ravanans não são casadas, não pertencem a ninguém e são de quem as quer. São criaturas fora de tudo; vivem com os soldados, comem com eles, param onde eles se hospedam, são expostas aos mesmos perigos e suportam bem os maiores cansaços (1979, p. 233).

A autora admira as atividades que têm nos campos, como lavar, cozinhar, procurar alimentos ou, quando necessário, pilar, ocupar-se das crianças e do transporte de todos os seus pertences em cada nova etapa de uma campanha militar. Vê nessas atitudes e ações uma prova concreta da superioridade da mulher. Enquanto o homem índio preferia matar-se a ir para a guerra, estas mulheres suportavam todos os encargos, além da maternidade, e enfrentavam também, por vontade própria, todos os perigos.

Ao refletir sobre estas provas que as *ravanans* eram capazes de suportar, Flora conclui que a educação deveria ser idêntica para os dois sexos, a fim de que toda mulher pudesse também desenvolver suas capacidades.

Mas, o que talvez ela ignorasse é que, na vida social das tribos incas, a mulher gozava dos mesmos direitos que os homens. Se nessas comunidades a terra era um patrimonio comum, os índios não haviam conhecido nem proprietários, nem acúmulo de riquezas, nem dominação do mais forte.

As escravas de Lima

O mesmo não ocorria com as escravas dos engenhos de açúcar nos arredores de Lima. Durante uma visita que faz ao Sr. Lavalle, Flora observará (1979, p. 345) que o negociante possuía "um magnífico estabelecimento, no qual se encontravam quatrocentos negros, trezentas negras, duzentos negrinhos", num engenho que era considerado "o mais bonito do Peru". Porém, não deixa de notar o comportamento hipócrita deste homem respeitável em relação a seus escravos. Enquanto ele os veste impecavelmente para as missas e festas religiosas públicas, pune-os com rigor dentro de sua propriedade. Esta imagem de falsa bondade e proteção será confirmada pela cena cruel que presencia, de duas mulheres fechadas num calabouço por terem deixado morrer de fome suas crianças:

As duas, inteiramente nuas, estavam acoradas num canto. Uma comia milho crú; a outra, jovem e muito bonita, olhou-me com seus grandes olhos que pareciam dizer-me: "Deixei morrer meu filho porque sabia que não seria livre como você; preferi vê-lo morto do que escravo" (TRISTAN, 1979, p. 352).

Se antes via apenas a "fisionomia repulsante de baixeza e perfídia" (1979, p. 351) nos escravos com quem tentava estabelecer contato, compreende, diante dessas mulheres, cuja nudez evoca fragilidade e abandono, que sob aquelas peles negras havia almas grandes e orgulhosas. Entre os negros que passavam bruscamente da natureza independente à escravidão, encontravam-se indomáveis criaturas que sofriam. A autora oferecerá, uma vez mais, uma prova de firmeza a respeito da questão, contestando um a um todos os argumentos a favor desse sistema.

Manuela de Florez de Althaus

Flora conhecerá também outras mulheres, cujo destino era mais feliz. Elas a impressionam tanto pela cultura como pelas responsabilidades que assumiram sozinhas, pelo caráter forte ou a sabedoria. Entre elas está a prima Manuela de Florez de Althaus, que destoa das outras mulheres de Arequipa pela cultura, generosidade e sensibilidade fora do comum. Era bonita e elegante, falava e lia francês e não tinha a superficialidade feminina tão corrente nestes lugares. Flora comenta que: "nascida rainha, brilhava num oásis do deserto" (1979, p. 184). Encontrara a felicidade no casamento e mantinha com o marido longas correspondências quando este partia em campanha militar.

Madame Aubrit

No Chile, conheceu Madame Aubrit, uma senhora francesa que mantinha uma

ensão em Valparaíso. A história da compatriota suscita seu interesse: ela se deslocara para a América Latina para livrar-se de um casamento infeliz. Havia feito a mesma longa

travessia dos oceanos e, desde sua chegada, pode instalar seu comércio e tomar a própria vida em mãos, distante do país onde seria considerada uma pária.

As mulheres de Lima

Já em Lima, na última etapa de seu périplo, a viajante descobre um novo universo feminino que contrastava com o de Arequipa. O que muito a impressiona é o traje tradicional das limenhas, a "saya" e o "manto", que determina seus costumes, hábitos e o seu caráter independente. Flora o descreve desta forma (1979, p. 331-2):

Este traje chamado "saya", compõe-se de uma saia e de uma espécie de saco que envolve os ombros, os braços e a cabeça, e que é chamado de "manto". A saya é inteiramente plissada, de cima até embaixo, com pequenas pregas (...). Estas pregas são feitas de maneira tão firme que dão a este saco uma tal elasticidade (...) capaz de adquirir todas as formas e facilitar todos os movimentos. O "manto", tão artisticamente plissado, mas feito em tecido mais leve (...) é sempre preto, envolvendo totalmente o busto; deixando de fora apenas um olho.

Graças à esta saya, as limenhas podiam passear incógnitas, com elegância e liberdade de movimentos, em lugares públicos que freqüentavam a seu modo e sem temor de serem mal consideradas. Flora observará que, além de muito graciosas e belas, elas também eram independentes e evoluídas. As mulheres casadas não adotavam o nome do marido, não eram escravas das convenções como as européias. Pareciam, em tudo, superiores aos homens: "maiores, bem mais organizadas" (1979, p. 330). Casavam-se normalmente muito cedo, entre onze e doze anos, eram férteis e cheias de saúde e, ao que parece, "absorviam, apenas para elas, a fraca proporção de energia que esta temperatura elevada e inebriante deixava para estes felizes habitantes" (1979, p. 330).

Mesmo que encantassem e seduzissem, merecem críticas da autora (1979, p. 335): "o coração indiferente, o espírito sem cultura, a alma sem nobreza e pareciam gostar apenas de dinheiro, destruindo rapidamente o prestígio brilhante de fascinação que os seus encantos produziam". Porém, dotadas de uma rara inteligência, dominavam os homens, participavam nas intrigas políticas e eram capazes de superar todos os obstáculos para chegar onde desejassem. Apesar desta forte marca social (1979, p. 340), não liam nada e "continuavam a ignorar tudo o que se passava no mundo", comentários que marcam a constante preocupação social da autora.

Durante sua permanência em Lima, Flora se aproxima de uma tia, Manuela de Tristan, dotada de uma voz maravilhosa, e de algumas senhoras estrangeiras, como Riva Agüero, uma holandesa digna de admiração pela coragem diante das infelicidades que

havia sofrido e Madame Denuelle, sua hospedeira francesa, a quem dirige elogios pela

maneira como enfrentou todos os preconceitos sociais dos quais fora vítima na França, quando da decadência de sua carreira de cantora lírica.

Entre os contactos da autora no meio intelectual, apenas duas mulheres se destacam: Manuela Riclos, dotada de uma cultura e de um espírito notáveis e Calista Thwaites, a mulher mais instruída que conheceu naquele país.

III. Considerações

Os relatos sobre as mulheres de quem Flora se aproximou, expressam ora solidariedade pelas fragilidades, ora admiração pela cultura, a superação ou o aprimoramento pessoal. Alguns autores, como Cuche (1985, p. 24), consideram que os pontos de vista da autora são próprios de uma estrangeira alimentada pelos preconceitos dos colonizadores, opinião compartilhada por Campra (1986, p. 70), que critica seu eurocentrismo. Apesar dessa polêmica, os textos de Flora representam um testemunho bastante fiel e corajoso do que foram dez meses passados num país marcado pelo despotismo e o fanatismo, pela miséria e a corrupção que incidiam diretamente sobre a vida das mulheres de várias origens.

Ao voltar para a França republicana, divulga partes de seu diário através de artigos que falam da condição feminina no Peru. Na lista das injustiças contra as mulheres, não deixará de citar a discriminação jurídica que ela sofre e que trouxe a ela mesma penosas consequências. Daí sua aproximação com os reformadores sociais de vanguarda, como Robert Owen, Saint-Simon ou Fourier.

Não surpreende o fato de que os primeiros exemplares de "Pérégrinations" que chegaram ao Peru tenham sido proibidos e queimados em praça pública. Nesta obra, Flora já defendia os princípios que nortearam sua vida de escritora militante, inicialmente pela causa feminina, depois pela dos trabalhadores. Nela, não deixa de criticar a Igreja Católica, conivente com o sistema escravocrata latino americano e defender a ideia de uma sociedade onde as mulheres teriam seu lugar reconhecido.

Referências

AMARANTE, Maria Inês. Flora Tristan: jornalismo militante em tempo de revoltas. In: **Revista Katalysis**, Florianópolis, v.13, n. 1, jan/jun 2010, p. 110-118.

ARON, Jean-Paul. **Misérable et glorieuse la femme au XIXe siècle**. Coletânea de textos apresentada por Jean-Paul Aron. Paris, Edition Complexe, 1984, 250 p. (*)

CAMPRA, Rosalba. La imagen de América en Pérégrinations d'une paria de Flora Tristan:

Recebido: 11 de dezembro de 2014

Aprovado: 27 de janeiro de 2015

Experiencia autobiografica y tradicion cultural. In: **Palinure**, Universidad de Roma, 1985-1986, p. 64-74.

CUCHE, Denys. Le Pérou de Flora Tristan: du rêve à la réalité. In: **Un fabuleux destin**. Flora Tristan. Dijon, 1985, p. 19-37.

DESANTI, Dominique. **Flora Tristan**. Oeuvres et vie mêlées. Paris: Union Générale d'éditions, Collection 1018, 1973, n° 584, 446 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PUECH, Jules-L. **La vie et l'oeuvre de Flora Tristan (1803-1844)**. Thèse. Paris, Librairie des Sciences Sociales et Politiques Marcel Rivière, 1925, 514 p.

VARIKAS, Eleni. Les femmes: des parias? De la métaphore au concept politique. Communication. Réunion-débat du 30 avril 1988. In: **Cahiers du Club Flora Tristan**, Paris, n° 24, 1988, p. 7.

TRISTAN, Flora. **Pérégrinations d'une paria (1833-1834)**. Paris, Arthur Bertrand, Libraire-Editeur, 1838, 2 vol. in-8°, 400/462 p. (microfiche m.7327 (1-2), Bibliothèque Nationale, Paris).

_____. **Les pérégrinations d'une paria**. Paris, FM/La Découverte, François Maspero, 1979, 381 p.

_____. **Peregrinações de uma pária**. Trad. Maria Nilda Pessoa e Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres; Sta. Cruz do Sul: Edunisc, 2000, 400 p.

Sites de busca: <http://www.flora.org.pe>